

JOÃO GUERRA DE CANUDOS: UM BREVE MEMORIAL

A MEU PAI

João Carlos Alcântara de Oliveira¹
Tainã Moura Alcântara²

Biografias, autobiografias, biografias de entes próximos, todos esses gêneros exigem um cuidado extra na hora da escrita, A memória pessoal, segundo Fernando Catroga (2001)³ é um recurso humano formado pela coexistência de várias memórias: pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc. e está em constante mudança graças a esses encontros de memórias, nem sempre sem conflitos. Assim, o texto que, prazerosamente, agora se apresenta é sobre João de Oliveira Dias, meu pai (e avô) e sobre as memórias que pudemos construir sobre ele na nossa convivência, através das histórias e do imaginário coletivo que ainda hoje se destaca na cidade de Canudos.

João Oliveira Dias, filho de Joaquim Valério de Oliveira e Maria da Conceição. Teve uma vida longa e estável, nascido em Canudos em 12 de Outubro de 1907, dez anos após a Guerra de Canudos, e falecido em 4 fevereiro de 1992 (quando eu, sua neta, tinha apenas três anos, mas lembro vividamente da figura e da tranquilidade de meu avô, bem como das tarde ao seu lado na cadeira de balanço ouvindo histórias da Canudos velha e do tempo do Conselheiro)..

Toda Canudos e região o conhecia como João Guerra. Este sobrenome informal fora herdado de sua mãe, conhecida como Maria Guerra, que por sua vez, tinha este apelido em função de ter participado ainda adolescente e sobrevivido da Guerra de Canudos (1896-1897), do lado de Antônio Conselheiro. Quando a guerra encerrou, ela e sua mãe foram para Salvador/BA, presas pela luta na guerra, após serem liberadas retornaram para Canudos, apoiadas por entidades humanitárias. Existe uma outra versão para seu apelido embora nunca tenha ouvido até escrever esse texto, outras histórias na

¹ Técnico em Agropecuária, Licenciado em Matemática, Bacharel em Engenharia Civil e filho de João Oliveira Dias e Eulina Alcântara de Oliveira.

² Arqueóloga, Mestre em Arqueologia, Doutoranda em História das Ciências e Neta de João Oliveira Dias e Eulina Alcântara de Oliveira.

³ CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001

família dizem que seu “sobrenome” deriva na verdade de que seu irmão havia participado da Guerra do Paraguai e toda a família ficou conhecida como Guerra.

Casou-se com Eulina Rabelo de Alcântara, e teve com ela oito filhos, quatro homens e quatro mulheres: José Oliveira (Zelito), Joselha, Joselina, José Alcântara de Oliveira (Gilberto), Jailda, João Bosco, João Carlos (eu) e Sandra. Construiu com minha mãe um lar de harmonia, dividindo os afazeres da casa. Era o encarregado de fazer a feira toda semana, onde aproveitava para conversar, principalmente se o assunto fosse sobre Canudos. Gostava de um terno branco para as festas, participava da banda de pífanos de Canudos tocando caixa, durante muito tempo matou caprinos e ovinos nos finais de semana para completar o salário. Gostava de dançar e dançava bem, especialmente o forró, e adorava jogar baralho a noite com os amigos. Acompanhava minha mãe nas atividades da igreja católica, respeitando a liderança religiosa dela. Bem querido pelos familiares, era uma liderança respeitada pela comunidade.

Quando me entendi como gente, era período da Ditadura, senti toda a apreensão das autoridades da República no tocante a guerra de Canudos. Este era um assunto proibido. A narrativa oficial era a de que Antônio Conselheiro não passava de um louco, que levou os canudenses a uma guerra sem sentido e que o melhor para Canudos era esquecer o assunto (talvez por isso essa outra história da Guerra do Paraguai tenha sido contada). Para ratificar construíram a barragem de Cocorobó, que inundou intencionalmente a Canudos da Guerra, como uma medida física que favoreceu o esquecimento. Além disso o Exército Brasileiro treinava anualmente em Canudos, impondo sua presença física e, assim, impunha também o controle ideológico aos canudenses.

Contudo alguns poucos que não comungavam e enfrentavam a ideia do esquecimento, e um deles era meu pai, João Guerra. Em várias ocasiões, sempre que ele podia e/ou conseguia, era possível assistir ele expondo com convicção o ponto de vista de Canudos, divulgando essa outra narrativa então proibida para as pessoas do seu tempo. João Guerra discutia sobre a guerra, elogiando Antônio Conselheiro exaltando sua iniciativa de criar uma sociedade onde ninguém podia mais que o semelhante, justamente o oposto da narrativa oficial das escolas e das ruas o que acabava me deixando confuso. Aliás as ideias políticas de meu pai sempre foram uma constante, além de ficar

literalmente ao lado dos mais fracos e derrotados, enfrentando os poderosos da época, inclusive policiamento, votando e fazendo campanha o que o fez ser perseguido.

Trabalhou a vida toda na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), órgão criado em 1909, que em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), pelo qual se aposentou. O cargo exercido no DNOCS era o de feitor que tinha a função de coordenar as equipes de campo, o que sempre fazia com muito respeito a seus encarregados que o homenageavam sempre que podiam. Por exemplo, trabalhou na estrada de Canudos para Juazeiro, na qual nomearam uma barragem de Joao Guerra, a qual conheci ainda na infância e fiquei bastante orgulhoso. Era um auxiliar direto do Engenheiro Civil, cumpria as ordens sem reclamar, de sol a sol, ajudando a melhorar o nosso sertão.

Como resultado de seus enfrentamentos políticos foi transferido para a cidade de Adestina que na época, graças às dificuldades de locomoção, era longe e contramão para Canudos e como ganhava pouco como funcionário do DNOCS, teve que deixar a família em Canudos, o que para ele e para nós foi um grande castigo. Conseguiu posteriormente sua transferência para Pinhões, mais perto, o que permitiu nos levar junto e mais tarde conseguiu voltar para casa, para sua amada Canudos.

Na barragem de Cororobó trabalhou em várias etapas, antes e depois de sua transferência, até a finalização da barragem, com afinco e dedicação e conseguindo ver, em parte, o resultado. O que foi uma maravilha no tocante a trazer água para nossa cidade, em que pese o apagamento da história de Canudos, a água sempre foi a principal falta no sertão e esta barragem permitiu aplacar um pouco desta ausência (embora pudesse ser construída em outro lugar). Durante todo tempo no DNOCS, onde se aposentou por tempo de serviço, coordenava grupos de trabalhadores e, não tivemos notícias de desentendimento com os colegas, demonstrando assim que sabia usar o bom senso. Fazia valer um de seus ensinamentos que repetia para todos *“sabendo compreender a vida, esta ensina muito mais que os conhecimentos científicos”*.

Após a aposentadoria, meu pai tomou conta da hospedaria do DNOCS em Canudos onde se relacionava com todos os tipos de pessoas, inclusive pessoas de nível superior, o que o fazia valorizar o conhecimento acadêmico e também o conhecimento que se adquire na vida. O atendimento na hospedaria era tão satisfatório que em

determinado momento resolveu construir o próprio hotel, onde não faltava hospede até sua morte. Um dos hospedes que recebeu foi o historiador e ex-presidente do Peru, Mario Vargas Llosa, do qual foi um cooperador e narrou os conhecimentos sobre a guerra de Canudos. Vargas Llosa escreveu o livro ‘Guerra do Fim do Mundo’ sobre a disputa. Além de Vargas Llosa, meu pai nunca se furtou a colaborar com nenhum pesquisador que se interessasse por Canudos, seu objetivo sempre foi o de não deixar tal massacre ser esquecido.

Acabei saindo cedo de Canudos, isso porque meus pais me incentivaram a estudar e adquirir os tais conhecimentos acadêmicos. Entretanto Canudos nunca saiu de mim, e muito disso é pelo orgulho que meus pais sentiam em descender dos jagunços canudenses, seguidores de Antônio Conselheiro, que acreditavam que o mundo poderia ser mais justo e deram as suas vidas por isso, na guerra ou mantendo a memória dela viva.

Sempre gostava do bode que é a maior iguaria do sertão.